

2ª PARTE

ESTUDOS

ENCONTRO COM IRMÃ DULCE

Noemi Elisa Aderaldo

Irmã Dulce! Com este simples, mas bem adequado nome, tornou-se conhecida, mundo afora, nos últimos tempos. Sua incomparável, singularíssima figura que começou, anos atrás, a ser chamada de “Anjo bom da Bahia”, da qual é Santa Padroeira, passou a ser, agora, “Anjo bom do Brasil”, tal a grandeza ímpar de sua personalidade e da sua vida de Santidade extrema, como um exemplo na história humana.

Suas inegáveis características continuam a ser mundialmente, cada vez mais estudadas, reconhecidas e difundidas, com a apaixonada dedicação do seu “amor ao próximo” mais abandonado e mais miserável.

Começa quase ainda criança a vocação da Irmã Dulce. Naquele então, logo tornou-se devota de Santa Teresinha do Menino Jesus, da qual recebe grande influência espiritual, e é fortemente atraída pelo ideal do Franciscanismo.

Assim, contacta a Ordem terceira de São Francisco, o que a leva a aproximar-se da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, na qual ingressa.

Irmã Dulce adere à linha de pobreza evangélica, que irá caracterizar fundamentalmente a sua vida, ao lado da sua absoluta consagração aos miseráveis.

Também se irmana e se devota profundamente a Santo Antônio, que fizera uma opção incondicional pelos pobres.

O crescimento de Irmã Dulce na santidade também a leva a uma arraigada experiência prática o mais aprofundado misticismo.

Diversas vezes estive com ela, em Salvador, na década de 60, no Convento Santo Antônio, onde se alojava junto à sua Congregação.

Guardo para sempre as formidandas, afortunadas e inapagáveis impressões causadas pela sua Presença e pela sua fala simples e amistosa.

Impressionava a Luz que seu rosto emitia, e bem assim a profundidade do seu olhar e a ternura da sua voz.

Era igualmente notável a impressão de extrema leveza que seu corpo, magro e ágil, transmitia.

Era, enfim, uma figura que em todos os detalhes perfeitamente exprimia uma espécie santificada, beatífica levitação.

Quando, certa vez em que separava os remédios por especialidade, os quais recebera em suas andanças de pedinte, disse-lhe que meu pai era médico, mas que minha mãe, seguindo seu exemplo, também os receitava, e relatei-lhe o que ocorrera quando a funcionária de nossa casa tivera um choque com a penicilina que ela lhe dera; Irmã Dulce riu, e continuou: “mas ela continua a receitar, não continua?” Afirmei-lhe que sim, e ela acrescentou: “Deve-se sempre receitar, sempre”, com muita ênfase. E continuou: “seu pai estava presente para resolver o problema, não estava? Foi Deus, enfatizou, que o colocou ali”.

Num outro dia levou-me para conhecer o hospital que organizara. Lembro-me de que os lençóis eram os mais brancos que eu já vira, e no seu respaldar, as camas eram encimadas por leves cruzeiros de madeira.

Passamos por um local onde estavam suas “crianças”, como ela chamava os dementes, aleijadas e pessoas com todos os tipos de males físicos e mentais, que trazia para ali e os ajudava. Fiquei atônita, mas ela apertando a minha mão, disse: “É preciso ver”.

Reservava muitas vezes para mim remédios de aliviar a falta de ar, e completava sempre: “não compre; você é estudante”... mas eu já iniciara meu trabalho na Universidade de Brasília.

Lembro-me de sua fisionomia feliz ao dizer-me: “Hoje consegui um caminhão de alimentos para os meus pobres”... e aludiu à figura de Paes Mendonça, dono de uma rede de supermercados em Salvador.

Irmã Dulce parece anular-se para enaltecer os de mãos vazias, e até na sua linguagem. Diante dos que nada sabem, dos excluídos “dessa outra vida de aquém-túmulo”, no dizer de Guimarães Rosa. A outra é, na verdade, esta mesmo.

Impressiona como uma tão frágil criatura pode carrear tão impressionantes ações de generosidade em todos os sentidos, não só pelos pobres, mas especialmente pelos miseráveis.

Irmã Dulce se revezava, permanentemente, em solicitações de todas as espécies pelos seres humanos mais necessitados e nas situações das mais extremas misérias.

Transmite a sensação de que milagrosamente se multiplicava, o que vem implicar a impressão de ajuda sobrenatural. Que se pense na imensa diversidade e complexidade de estruturas práticas e de situações sociais envolvendo estilos de vida, profissões “status” econômico, atividades as mais variadas e, enfim, todos os aspectos de vida existentes numa grande metrópole como a cidade de Salvador (Ba).

Ora, o ser humano povoa tudo isso, e as situações humanas são as mais diversas possíveis. Nesse rol, em face das imensas desigualdades e das injustiças decorrentes dos diversos aspectos regimentais, um grande número de seres humanos vegeta ou se perde na pobreza ou, pior ainda, na miséria, na direção da doença, ou da morte. Essa é a realidade em que vivemos...

Imagine-se alguém que pretenda, através da ajuda humanitária, aliviar os sofrimentos das pessoas assediadas por tais traumas, e que, para isso, convoque outras pessoas e a própria Graça do senhor que tudo pode.

Este alguém se desdobra de todas as maneiras para minorar os sofrimentos e convoca todas as ajudas possíveis.

Este é, precisamente, o caso dela. Em prol disso, anos a fio, torna-se múltipla e convoca outros irmãos, muitas vezes abordando

até mesmo autoridades e dirigentes de várias instâncias políticas e governamentais, líderes de organizações, etc.

Apesar de frágil e atacada com frequência por doenças físicas, como problemas de garganta e de pulmão, Irmã Dulce dedicou-se, incansavelmente, a infindáveis providências e ações, aulas para jovens iniciantes, práticas de alfabetização e de apostolado, angariação de roupas, de alimentos, de remédios e de todas as espécies materiais (como lâminas, folhas de zinco, mesinhas, etc.) que pudessem auxiliar na vida dos seus protegidos.

Improvizou um ambulatório para assistência médica a eles, vítimas de desnutrição, doenças, desemprego, etc.

Consegue criar o Círculo Operário da Bahia, destinado a oferecer proteção social, assistência nas oficinas, escolas às famílias, assistência médica, odontológica, farmacêutica, jurídica, etc.

Sob os cuidados desse círculo Operário, faz entrar em funcionamento a Escola Santo Antônio, para crianças e jovens das famílias dos operários e dos que não podiam manter os filhos nos estudos. A Escola também oferecia cursos para iniciação no mercado de trabalho; tinha oficinas como marcenaria, mecânica, alfaiataria, carpintaria, além de datilografia; e para as moças, aprendizado em cozinha, costura, etc.

Irmã Dulce anteviu a necessidade de fortalecer as profissões de nível técnico voltadas para os menos favorecidos, e não para a elite privilegiada.

Um dos seus maiores empenhos era pelos chamados “meninos de rua”.

Pedia esmolas nas instituições de todo tipo, e criara o Centro de Recuperação de Menores Abandonados, que também recebia os flagelados da seca do Nordeste. E nesse rol de instituições beneficentes, surge também, apesar de sua revelia pelo nome, o Centro de Obras Sociais Irmã Dulce.

A maior das dificuldades por ela enfrentadas era a de angariar recursos para elas, fossem as já instituídas, fossem as ainda em planejamento.

Muito sofreu também perante as incompreensões e atitudes intransigentemente ortodoxas da sua Ordem em relação às suas atividades beneficentes, que cresciam assustadoramente, sem que ela, ordem, pudesse abraçá-las.

Irmã Dulce prosseguiu, apesar de tudo, também reunindo, para isso, a ajuda de outras pessoas, grupos e autoridades.

Mergulhada num mar de doenças, fome e precariedades, vivia e obsessivamente lembrava a dramática situação do mundo em todas as instâncias possíveis. E aumentava, sem cessar, a quantidade de marcantes episódios da sua santidade e da sua grandeza humanitária.

Diante da sua fragilidade física, a figura da Irmã Dulce, perante a sua obra gigantesca, constitui, já por si, um verdadeiro Milagre, pois é a Força Divina que a sustenta e impele.

Enfim, toda essa Vida e toda essa Obra têm o seu irrefragável fundamento no âmago de uma Santidade alicerçada em sua união mística com o Divino, com o Senhor Supremo, a cuja infinitude ela se entrega plenamente, como uma criança ao pai.

Assim, entrega e consagra todo o seu ser e os seus atos a este pai, buscando unir-se a ele, ou mais, tornar-se uma com Ele.

Isto é o que habita e fortalece todo o ser e toda a alma de Irmã Dulce nos seus atos e em toda a sua Vida.,

Ela também, sem dúvida, não era mais ela: era os necessitados, que introjetava. Seu alento, apesar da fraca saúde, para sair de manhã cedo como pedinte, depois de passar a noite aspirando oxigênio, prova isso. Participava, assim, da “Comunhão dos Santos”, tendo como lume a Imitação de Cristo, como assegura José Raimundo Galvão no seu livro: “Dulcíssima Caridade”.

O incessante e extremado rol de suas ações cotidianas leva de certa forma, a encobrir, em aparência, seu lado místico e contemplativo, mas a verdade é que esta Santa incomparável, apesar de silenciosa a tal respeito, e tendo se apaixonado pelo ideal franciscano, orava permanentemente, jejuava e se penitenciava, em sua simplicidade, no silêncio; unia a Contemplação à sua Ação e, numa palavra, com Cristo fundiu completamente a sua Alma.

O trabalho polivalente de Irmã Dulce em prol dos incontáveis miseráveis sofrendores totalmente desprotegidos deve ser visto, na verdade, como a maneira pela qual extrojetava o seu profundo Amor pelo Divino, que ela em tudo via projetado, não somente anulando as distâncias entre os inumeráveis Filhos de Deus, mas também entre estes, como um todo, e o próprio Deus de que são Filhos. Todos, assim, são Irmãos com um mesmo Pai! Este, ao que nos parece, é o segredo da sobre-humana Santidade de Irmã Dulce.

Sua Vida e Obra constituem, de certa forma, uma resposta às cíclicas indagações e elucubrações filosóficas acerca da relação entre sujeito e objeto, entre os irmãos da espécie humana, entre um e outro, pois os une com um alento que respira pelo pulmão do mundo, tornando-se excepcionalmente uniplural, sob o paradigma de Deus. Esta, a metafísica implícita na Ação de Irmã Dulce, pois podemos dizer que para ela tal como para Jacob Boehme, “A Unidade é o sustentáculo da Multiplicidade, a revelação da Unidade”.

Cumpre-me, por imensurável gratidão, declarar que esse pré-ensaio dedicado à Irmã Dulce, só foi possível pela solícita compreensão da irmã Marly Fontes Oliveira, que se dispôs a auxiliar-me, tanto por meio de conversas coloquiais absolutamente verossímeis, quanto através do envio de livro – chão humanístico imprescindível –, D.V.D. e entrevista com a figura encantadoramente bela da Irmã de todos os brasileiros.